

CAPÍTULO 5
Eutanásia

PERGUNTA: — Segundo a conceituação eutanásia seria a morte sem sofrimento; a morte feliz em seu sentido orgânico; porém sobre o aspecto espiritual, como a interpretar?

RAMATIS: — Para os espiritualistas reencarnacionistas constituiria um desperdício de tempo e energia apressar o desencarne de qualquer pessoa. Muitas delas necessitam ficar mais algum tempo no corpo carnal, cumprindo os seus ditames cármicos, e nesse caso obrigaria a uma nova vida material para cumprir alguns dias ou meses completando o tempo necessário na eliminação de energias deletérias.

PERGUNTA: — Mesmo quando se tratar de enfermos terminais sem qualquer possibilidade de cura e padecendo de dores atrozes?

RAMATIS: — Sim. E as leis humanas, como reflexo dos princípios que regem o universo, a consideram crime perante os códigos legais, e as religiões dogmáticas a classificariam entre os pecados.

Repetimos: ninguém tem o direito de matar qualquer ser, mesmo nos processos dolorosos insuportáveis e resistentes aos mais potentes analgésicos, e ainda quando a previsão da ciência oficial for de morte.

O tempo de vida de cada criatura é resultado de suas necessidades evolutivas na experiência da vida terrena para a ascensão espiritual.

Ramatis

Como pode o homem, cego para o mundo maior, arrogar-se o direito de modificar o desenvolvimento anímico do indivíduo, se ele desconhece as razões da vida e da morte?

Pode livrar, aparentemente, o doente de suas aflições dolorosas, entretanto não o livra de suas obrigações espirituais no universo paralelo da matéria quintaessenciada. Aliás, em Esparta — na Grécia Clássica — jogava-se as crianças com defeitos físicos ou psíquicos do cimo da Rocha Tarpéia, como um processo eugênico de eliminar os possíveis socialmente inúteis. Mas isso ocorreu numa etnia bastante bárbara e primitiva.

Em circunstância alguma, por mais racional que seja a argumentação, cabe ao homem o direito de deliberar e julgar sobre a vida e a morte de seu próximo, ou a própria. Cada criatura traz um programa de vida, ao deixar o Além para reencarnar. Esse programa vivencial, diríamos numa linguagem cibernética, é formado por vários projetos: profissional, social, familiar, aonde estão previstas as metas máximas e mínimas dentro de um tempo mais ou menos determinado, e além disso o seu perispírito traz cargas pesadas de energias negativas, que no processo de higienização pessoal passam para o mata-borrão carnal com todas as dores e angústias devidas pelo ser eterno.

Por desconhecer esses preceitos da ciência espiritual, o próprio enfermo, julgando-se incapaz de agüentar que o sofrimento, pede a morte como alívio final, sem saber as dores do psicossoma acompanha-lá-ão no outro mundo. Há o alívio dos padecimentos corporais e não da individualidade eterna; pois a eutanásia interrompe o processo de desintoxicação psíquica dos resíduos cármicos densos, aderidos ao perispírito, resultantes das imprudências em vidas pregressas e da atual.

Inúmeros casos de morte clínica são relatados na medicina, e, no entanto, retornam à vida em consequência de necessidades evolutivas.⁽¹⁾

1 — Nota do organizador: Nos atuais estudos de tanatologia, nos casos de ressuscitamento após a morte clínica há uma coincidência das descrições sobre as

Sob a Luz do Espiritismo

PERGUNTA: — Não haveria um certo sadismo da parte de Deus, ao criar no mundo físico criaturas enfermas orgânica ou psiquicamente, ou defeituosas de nascença? E ainda negar-lhes o alívio das dores atrozes, da teratogênese ou da alienação irrecuperável?

RAMATIS: — Sem entrarmos em elaborações teológicas sobre Deus, e ficando somente em nosso planeta, não nos esqueçamos ser a Terra uma escola do primeiro grau de educação espiritual, cuja finalidade é ensinar o bê-a-bá para o espírito em evolução, que é o amor ao próximo e a si mesmo, e nesse objetivo são usadas várias técnicas pedagógicas. Devido ao primarismo emocional e dos sentimentos humanos, muitas vezes os mestres vêm-se na obrigação de usar certas técnicas aparentemente odiosas lembrando-nos da advertência crística (em Mateus): “Não deis o que é sagrado aos cães, não jogueis pérolas aos porcos, para que eles não as pisem com as patas e, voltando-se, vos dilacerem”.

Um desses métodos são as moléstias com seus sofrimentos atrozes, conseqüentes a desvios da lei maior, feitos pelo doente por sua animalidade primitiva.

A Lei Divina, em seu objetivo maior, serve-se de uma

ocorrências no período do falecimento, assim descrito por Raymond A Moody Jr. em “Reflexões sobre a vida depois da vida”:

“Um homem está prestes a morrer e, ao atingir o ponto máximo do sofrimento físico, ouve o médico declará-lo morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, como uma compainha tocando muito alto, e ao mesmo tempo sente-se em movimento rápido através de um longo túnel. Depois encontra-se fora do seu corpo físico, mas ainda no ambiente físico imediato, e vê o seu próprio corpo à distância, na posição de espectador, assistindo assim às tentativas de reanimação numa situação vantajosa e invulgar, sob um estado emocional complexo. Passado algum tempo, acalma-se e começa a habituar-se à sua nova condição, verificando que tem um “corpo”, mas de natureza e possibilidades muito diferentes das do corpo que acabou de deixar. Em breve começam a suceder outras coisas. Vem ao seu encontro seres que o ajudam e vê os espíritos de parentes e amigos mortos. Um ser cheio de amor, de uma espécie nunca encontrada — um ser de luz — surge diante dele. Este ser faz-lhe, não verbalmente, uma pergunta que o obriga a avaliar sua vida e ajudá-lo mostrando-lhe a visão panorâmica dos principais acontecimentos por que passava antes de morrer. Então encontra-se próximo de uma espécie de barreira ou fronteira que, aparentemente, representa o limite entre a vida terrena e o que a ela se segue. No entanto, percebe que tem de regressar à terra, que a sua hora ainda não chegou. Nesse ponto resiste, pois

Ramatis

didática às vezes pouco ortodoxa, para proporcionar à pessoa um retorno mais rápido à escalada evolutiva. A lei reeduca, não pune.

Portanto, constitui a prática da eutanásia uma intervenção inoportuna, não permitindo ao enfermo completar sua higiene perispiritual, conforme o projeto reencarnatório, planejado pelos mestres espirituais dentro de uma prática divina.

Sabe-se que a dor concentra as forças internas do espírito, para resistir ao desprazer, mobilizando as energias sublimes internas, e ao mesmo tempo leva a alma a reflexões, num movimento total para novos paradigmas vivenciais.

Diante do exposto não podemos atribuir qualquer injustiça à Divindade, pois é o próprio homem com sua incúria, que cria as situações dolorosas para si e para seus parceiros cármicos. Toda a constelação social forma um grupo de resgate das relações desarmônicas do passado. Deus nada tem com os nossos compromissos criados pelo primarismo humano; a eutanásia seria mais uma forma de pô-lo em prática, fugindo a obrigações anteriormente assumidas.

A eutanásia, resultado de uma falsa compaixão, é motivada por diversas finalidades sub-reptícias dos compadecidos. Usando um jargão jurídico, é sempre um crime diante dos códigos legais da Vida Real, porquanto interfere num programa reencarnatório cujo objetivo geral é a libertação e a felicidade eterna do homem.

PERGUNTA: — Mas no caso do enfermo solicitar a

agora a sua experiência no Além fascina-o e não deseja voltar. Sente-se inundado por uma intensa situação de paz, alegria e amor, mas, apesar disso, reencontra o seu corpo físico — e vive.

Mais tarde, tenta contar aos outros, mas sente dificuldade em fazê-lo. Em primeiro lugar, não consegue encontrar palavras adequadas à descrição destes episódios extraterrenos. Compreende que os outros duvidam, não se refere mais ao assunto, mas a experiência afeta profundamente a sua vida, principalmente no que se refere aos seus pontos de vista sobre a morte e às suas relações com o mundo dos vivos.”